

“Nós” versus “a gente” no português falado no noroeste paulista

(*We versus the people* in the Portuguese spoken in the Northwest region of São Paulo State)

Cássio Florêncio Rubio¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – São José do Rio Preto – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

cassiorubio@yahoo.com.br

Abstract: In this paper, I present a study about the variation between the pronominal forms *we* and *the people* in the subject position and their inherent verbal agreement in the dialect spoken in the Northwest region of São Paulo State. For the analysis, I follow the Variation Theory proposed by Labov (1972). The *corpus* comes from the database Iboruna and is composed of 76 interviews, which are classified according to social factors as *education, age and gender*.

Keywords: variation; verbal agreement; Brazilian Portuguese, first person plural.

Resumo: Neste trabalho, apresentarei um estudo que considera a variação entre as formas pronominais *nós* e *a gente* em posição de sujeito e a concordância verbal inerente a cada uma dessas formas no dialeto da região noroeste do Estado de São Paulo. Para a análise, recorreremos à Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972). O *corpus* utilizado provém do banco de dados Iboruna, e é composto de 76 entrevistas, estratificadas de forma equânime mediante os fatores sociais *escolaridade, faixa etária e gênero*.

Palavras-chave: variação linguística; concordância verbal; português brasileiro; primeira pessoa do plural.

Introdução

Poucos são os trabalhos que consideram a variação na concordância verbal (doravante, CV) de primeira pessoa do plural (doravante, 1PP). Dentre eles, destacamos os estudos de Bortoni-Ricardo (1985), Assis (1988), Rodrigues (1987), Camacho (1993), Zilles; Maya; Silva (2000) e Lucchesi; Baxter; Silva (2009).

Para a substituição do pronome *nós* pela expressão pronominal *a gente*, atestada em algumas variedades do português brasileiro (doravante, PB), destacamos Lopes (1999), Zilles (2004) e Furtado (s.d.).

A variação na concordância de itens relacionados à forma pronominal *a gente*, apesar de pouco investigada até o presente momento, já se revela fenômeno comprovadamente variável, conforme atestam os estudos de Costa et al. (2001) e Pereira (2003).

Com base nos trabalhos ora mencionados, propomos, nesta pesquisa, analisar contiguamente a concorrência das formas *nós* e *a gente* em posição de sujeito e a variação na CV relacionada a esses itens.

Pressupostos teóricos

Como já apontado por Benveniste (1995, p. 278), a noção de pessoa do discurso é própria somente de *eu/tu* e suas formas correlatas, porque são essas as únicas que “se prendem ao próprio processo de enunciação”. Ao contrário das formas de expressão de pessoa, “há enunciados de discurso, que [...] escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação “objetiva”. É o domínio daquilo a que chamamos a ‘terceira pessoa’” (BENVENISTE, 1995, p. 282). No português padrão, há referência exata entre as chamadas pessoas do discurso e as pessoas gramaticais. Para a primeira pessoa do discurso, o falante, existe um pronome de primeira pessoa gramatical, *eu*, e uma forma verbal correspondente a essa pessoa, com desinência de primeira pessoa do singular. Para as demais pessoas, tanto no singular quanto no plural, a mesma correspondência se verifica.

Nas variedades do PB e mesmo do português europeu (PE, daqui em diante), a inclusão de novas formas de menção às pessoas do discurso reelaborou o quadro pronominal e de CV, o que ocasionou como resultado a falta de correspondência entre mesma pessoa e desinência verbal. Por exemplo, para a segunda pessoa do discurso, o ouvinte, houve a inserção da forma *você*, gramaticalizada a partir da forma de tratamento *vossa mercê*, que se associa a formas verbais de terceira pessoa. Para a 1PP, fenômeno semelhante ocorre.

Nós e a gente nas gramáticas

João de Barros, na *Grammatica da lingua portuguesa*, publicada em 1540, assim define o emprego dos pronomes em português: “As pessoas são três: *eu*, primeira, que fala de si mesmo, *tu*, a segunda, a qual fala à primeira, *ele*, da qual a primeira fala [...] dois números tem o pronome, singular e plural” (BARROS, 1540, p. 35).

A forma *nós* é proposta como plural do pronome de primeira pessoa do singular *eu*, ainda que não represente, como ocorre com segunda e terceira pessoas, um conjunto formado por vários “eus”, mas sim a indicação de *eu* mais outras pessoas, conforme ressalta Bechara (2002), ou de um “eu-ampliado”, segundo Benveniste (1995).

Parafraseando Neves (2000, p. 470), *a gente* pode ser empregado como pronome pessoal para referência à 1PP ou para referência genérica a todas as pessoas do discurso. No primeiro caso, a substituição da forma *nós* pelo sintagma *a gente* levaria à ocorrência de verbos em 1PP. Como referência genérica, funciona como indeterminador do sujeito. Ainda que outros sintagmas nominais, como *o pessoal*, *o cara*, *o cidadão*, sejam empregados com mesma função na linguagem coloquial, “seu estatuto não tem identificação com a classe dos pronomes pessoais como o sintagma A GENTE tem” (NEVES, 2000, p. 470).

A CV com o pronome *nós*

Conquanto a CV de 1PP constitua-se como fenômeno atestadamente variável do PB desde o início da década de 1980, algumas gramáticas descritivas não apresentam qualquer menção sobre a ocorrência desse tipo de variação. As evidências são apresentadas apenas em estudos de cunho variacionistas. Apresentamos, a seguir, um breve relato de alguns desses trabalhos.

Rodrigues (1987) analisou, na década de 1980, amostras de 40 informantes adultos, de diferentes procedências, favelados da periferia de São Paulo, e obteve um percentual

de 53% de aplicação de desinência de 1PP, contra 47% de aplicação de desinência de terceira pessoa do singular (doravante, 3PS).

Zilles, Maya e Silva (2000), ao analisarem falantes com escolaridade fundamental e média em Panambi e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, obtiveram como resultado uma frequência geral de 87% de aplicação de desinência de 1PP (desinência /-mos/ e seu alomorfe /-mo/).

No estudo apresentado por Lucchesi, Baxter e Silva (2009), para comunidade afro-brasileira isolada do estado da Bahia, houve um percentual de apenas 18% de frequência de pluralização verbal.

Diferentemente da variação na CV de terceira pessoa do plural (3PP, daqui em diante), para a 1PP, não se permite ainda propor um quadro comparativo de variação das principais variedades do PB, devido ao número ainda reduzido de trabalhos que contemplam o fenômeno.

A CV com o pronome *a gente*

Teyssier (1989, p. 243) alude ao uso muito comum de *a gente* na linguagem familiar tanto no PE quanto no PB, normalmente em 3PS. Contudo, a forma pode aparecer com verbos em 1PP, sendo “sentido como incorreto” pelos próprios falantes.

Inúmeros trabalhos no PE dão conta não somente da coocorrência verificada entre os pronomes pessoais *nós* e *a gente*, mas também da relação do pronome *a gente* com o verbo que lhe segue (LOPES, 1999; COSTA et al., 2001; PEREIRA, 2003; dentre outros).

No PB, Vianna (2006) observou, em estudo do Rio de Janeiro, três padrões de CV nas orações em que a forma *a gente* figurava como sujeito: formas verbais com desinência de 3PS (*a gente está*), de 1PP (*a gente estamos*) e de 3PP (*a gente estão*).

Naro et al. (1999) resumem os fenômenos de alternância pronominal e de variação na CV de 1PP da seguinte forma:

Em português padrão o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação 0. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não-padrão. (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 201)

Fatores linguísticos e sociais relacionados aos fenômenos variáveis

Ao analisarmos a variação entre as formas *nós* e *a gente*, verificamos a alternância de dois pronomes na representação da primeira pessoa do plural em posição de sujeito sentencial. Na análise da CV variável, a observação recai sobre a ocorrência de formas verbais com desinência de 1PP ou de 3PS, que pode ocorrer junto às duas formas pronominais, *nós* e *a gente*.

Segue-se, à exposição de cada fator, detalhamento da forma de controle da variante, a ser adotado na pesquisa.

Segundo Buescu (1961) apud Pereira (2003), o pronome pessoal *nós* possui maior concretude, ou seja, normalmente é usado para referir-se a um número mais completo ou determinado de pessoas. O pronome pessoal *a gente* é usado para delimitar categorias, isto é, para referir-se a um número não limitado.

Diversos trabalhos apontaram o *grau de determinação do referente* como importante fator na alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* em posição de sujeito (OMENA, 1986; MACHADO, 1995; LOPES, 1999; VIANNA, 2006).

Com base na hipótese acima e nos trabalhos de Lopes (1999) e Vianna (2006), propomos o controle do *grau de determinação do referente sujeito* conforme segue:

- i. *referência genérica e indefinida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos. Geralmente com referência a pessoas ou a grupos de forma geral (1.a).
- ii. *referência genérica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência em sua mente de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso. Por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro (1.b).
- iii. *referência específica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores (1.c).

(1.a) a gente tem que se preocupá(r) SIM com o meio ambiente... não desmatá(r) (AC-051-550)

(1.b) então tem um secante de cobalto... que a gente utiliza lá no serviço (AC-086-380)

(1.c) a gente sempre passeava lá na pracinha... eu e minha esposa não saía de lá (AC-111-34)

Omena (1986), Lopes (1998) e Vianna (2006) afirmam que o emprego das formas pronominais *nós* e *a gente* também pode ser influenciado pelo tempo e modo verbais, já que os resultados de suas pesquisas revelaram que formas mais marcadas tendem a favorecer o uso de *nós*, enquanto formas menos marcadas, ou seja, com menos traços distintivos, favorecem *a gente*.

Apresentamos alguns resultados apresentados em pesquisas anteriores: i) A desinência de 1PP –*mos* vem adquirindo função de morfema de pretérito, em oposição ao morfema \emptyset do tempo presente. Há expectativa de que o pronome *nós* tenha seu uso mais vinculado a verbos no pretérito e o pronome *a gente*, a verbos no presente (FERNANDES; GORSKI, 1986; LOPES, 1998); ii) O pretérito imperfeito, o presente e as formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto o futuro e o pretérito perfeito favorecem o uso de *nós* (OMENA, 1986; LOPES, 1998).

O grupo de fatores *tempo e modo verbais* compõe-se das seguintes variantes:

- i. presente do indicativo e do subjuntivo;

- ii. pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo;
- iii. pretérito perfeito do indicativo;
- iv. futuro do presente, do pretérito do indicativo e do subjuntivo;
- v. outros tempos verbais.¹

A *saliência fônica verbal* é outro fator apontado por inúmeros estudos como relevante na aplicação de marcas de concordância no sujeito, no verbo e em predicativos. Os resultados demonstram que distintos graus de diferenciação entre as formas em competição no processo de variação têm importância fundamental na seleção da forma preferida.

Naro et al. (1999) comprovaram que maiores níveis de *saliência* entre as formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma de 1PP, seja com o sujeito *nós*, seja com o sujeito *a gente*.

Considerando observações de Lemle e Naro (1977) a respeito da síncope da vogal postônica nas palavras proparoxítonas, Rodrigues (1987) comprovou, para o português popular de São Paulo, que os falantes tendem a evitar formas verbais proparoxítonas, as quais ocorrem somente em alguns tempos da 1PP.

Ante o exposto, baseados em Naro et al. (1999) e em Rodrigues (1987), em relação ao grupo de fatores *saliência fônica*, propomos a seguinte divisão:

- i. *saliência esdrúxula* — a forma de 1PP é proparoxítona e a oposição *vogal/vogal-mos* não é tônica nas duas formas. Ex.: *cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos*;
- ii. *saliência máxima* — ocorre mudança no radical e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou duas formas. Ex.: *é/somos, fez/fizemos, veio/viemos*;
- iii. *saliência média* — ocorre uma semivogal na forma de 3PS que não ocorre na forma de 1PP e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica nas duas formas. Ex.: *comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos*;
- iv. *saliência mínima* — a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: *assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/damos, está/estamos, fazer/fazemos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos*.

O controle do fator *tipo de sujeito* é proposto por se acreditar que alguns sujeitos podem levar a maior aplicação de marcas de 1PP nos verbos. Sujeitos não realizados foneticamente, ou seja, sujeitos desinenciais ou nulos podem levar a maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos, pois passam a atuar como única forma de identificação da pessoa do discurso.

Bortoni-Ricardo (1985) verificou que sujeitos do tipo *nulo ou desinencial* influenciam positivamente a aplicação de marcas de 1PP nos verbos (84% de CV), se considerados em oposição a sujeitos explícitos (47% de CV). Rodrigues (1987) controlou o fator linguístico *realização do sujeito sintático*, com a consideração dos fatores *nós explícito, não-explícito* (sujeito nulo) e *sujeito não pronominal* (por exemplo, *eu e meu marido*).

¹ Devido à baixíssima frequência de alguns tempos verbais (menos de 3%), optamos pela amalgamação no grupo “outros tempos verbais”.

A ausência ou elipse do sujeito (sujeito oculto, cancelado, apagado, zero) ocasiona, normalmente, marcação desinencial no verbo. Nesse caso, não há redundância na desinência verbal, como ocorre em orações com sujeito pronominal. A relação entre verbo e sujeito é estabelecida somente por meio da concordância verbal, o que “valida a hipótese de que sujeito oculto favorece o uso de formas verbais marcadas, ou aplicação da regra padrão” (RODRIGUES, 1987, p. 125).

As afirmações acima são pertinentes à CV de 1PP com a consideração da forma pronominal explícita ou não-explícita do pronome de 1PP *nós*. Cabe verificar se o mesmo princípio da manutenção da forma considerada padrão vale também para a forma pronominal *a gente*, que seria acompanhada de formas verbais de 3PS.

Se, no caso do pronome *nós*, a desinência de 1PP favorece a desambiguação em relação às outras pessoas, para o pronome *a gente*, a forma de 3PS promoveria, em determinados contextos, a ambiguidade de referente, por ser forma padrão ou não-padrão verbal utilizada em conjunto com vasta gama de pronomes pessoais.

Com base na discussão, propomos a investigação dos seguintes contextos em relação ao grupo *tipo de sujeito*;

- i. *nós* explícito;²
- ii. *nós* não-explícito (explicitado em oração anterior);
- iii. *a gente* explícito;
- iv. *a gente* não-explícito (explicitado em oração anterior).

O grupo *paralelismo formal de nível discursivo* também se revela importante fator linguístico a ser investigado. A expectativa é de que os contextos em que os verbos anteriores são marcados com o plural favoreçam a marcação de plural nos verbos posteriores. Com base nos princípios de Scherre e Naro (1993), para a CV de 3PP, de que “marcas levam a marcas, e zeros levam a zeros” e nos resultados apresentados em Lucchesi, Baxter e Silva (2009), a hipótese a ser investigada para o fator *paralelismo discursivo* é de que formas verbais precedidas de formas verbais com desinência de 1PP tenderiam a apresentar maior frequência de marcas de plural do que formas verbais precedidas de formas sem desinência de 1PP. Ressaltamos, de antemão, que os princípios apresentados referem-se a estudos realizados com a consideração da forma pronominal *nós*. É importante verificar se o mesmo princípio vale para a forma *a gente*.

- i. forma verbal com desinência de 1PP na oração anterior;
- ii. forma verbal com desinência 3PS na oração anterior;
- iii. forma verbal isolada ou primeira de uma série.

Diferentemente de variáveis linguísticas que restringem o tratamento conjunto dos fenômenos aqui investigados, variáveis sociais estão livres de restrição e sua inclusão no presente estudo já está de antemão justificada pela própria importância de considerá-las em todo e qualquer estudo sociolinguístico. Assim, sob as premissas já estabelecidas para as variáveis sociais mais tradicionalmente consideradas nos estudos variacionistas, controlamos aqui *gênero, faixa etária e escolaridade*.

² Por uma questão de recorte metodológico, neste momento, não consideramos outras formas de realização da 1PP.

Procedimentos metodológicos

Para o tratamento conjunto dos fenômenos identificados anteriormente, em nossa pesquisa, utilizamos 76 amostras de fala do Banco de Dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), provenientes de informantes da região Noroeste do Estado de São Paulo, estratificados em cinco faixas etárias (7 a 15; 16 a 25; 26 a 35; 36 a 55 e mais de 55 anos), quatro níveis de escolarização (1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior) e gêneros masculino e feminino, distribuídos de forma equânime por entre as variantes sociais.

Para a quantificação da variação na CV, os dados referentes às formas *a gente* e *nós* foram rodados separadamente, com a inclusão das ocorrências com sujeitos ocultos ou desinenciais. A decisão sobre a inclusão dos verbos como formas vinculadas ao pronome *a gente* ou ao pronome *nós* foi pautada pela presença formal do pronome em orações anteriores, como mostram as ocorrências.

(2.a) **a gente** ficô(u) uns seis dias... mas foi muito bom até **aproveitamo(s)** bastante (AC-042, l. 15)

(2.b) **nós** fica mais sozinho aqui né?... e lá em cima fica um na guarita... e durante o dia fica DOIS... à noite éh:: **ficamo(s)** sozinho também (AC-121, l. 225)

Ao procedermos à rodada de verificação da frequência de aplicação de CV nos verbos, consideramos as especificidades de cada pronome. O pronome *nós*, influenciado pela tradição normativa, normalmente se vincula com maior frequência a desinências de 1PP; o pronome *a gente*, por se constituir em forma gramaticalizada de um SN, normalmente se liga a verbos com desinência de 3PS (NARO et al., 1999). Dessa forma, os pesos relativos para os verbos ligados ao pronome *nós* foram extraídos em relação à aplicação da forma de 1PP. Para a forma pronominal *a gente*, os pesos relativos foram extraídos em relação à aplicação da forma de 3PS.

Análise dos resultados

Os resultados gerais apresentados pelo pacote estatístico *GOLDVARB* demonstram que o uso da forma pronominal *a gente* corresponde, em frequência, a quase três vezes o uso da forma pronominal *nós*, conforme se visualiza a seguir.

Tabela 1: Percentual de uso dos pronomes pessoais *nós* e *a gente* (explícito)

<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	Total
25,4% (573)	74,6% (1.682)	100% (2.255)

Apesar de esses resultados denotarem tendência à implementação da forma inovadora *a gente* em lugar da forma conservadora *nós*, julgamos necessária a análise dos resultados relacionados a cada um dos grupos de fatores considerados, principalmente os sociais. O que propomos mais adiante.

Na tabela 2, a seguir, são exibidas as frequências de aplicação de CV junto das formas pronominais pesquisadas.

Tabela 2: Percentual de aplicação de 1PP e 3PS com os pronomes *nós* e *a gente* em posição de sujeito (explícito ou desinencial)

<i>Nós</i>		<i>A gente</i>	
1PP	3PS	1PP	3PS
79,5% (551/693)	20,5% (142/693)	5,8% (112/1943)	94,2% (1831/1943)

O pronome sujeito *nós* apresentou maior tendência à variação na CV do que o pronome *a gente*. Enquanto a forma inovadora apresentou um percentual de 94,2% de aplicação de 3PS, a forma pronominal padrão, *nós*, apresentou 79,5% de uso das formas de 1PP, conforme prescreve a gramática normativa.

Na tabela 3, apresenta-se o resultado da seleção elaborada pelo programa computacional *GOLDVARB*.

Tabela 3: Ordem de seleção dos fatores considerados nos fenômenos variáveis

Fenômeno		<i>Nós x A gente</i>	<i>Nós + 1PP/3PS</i>	<i>A gente + 1PP/3PS</i>
linguísticos	tipo de sujeito	não considerado	6°	4°
	paralelismo discursivo	não considerado	4°	1°
	saliência fônica verbal	1°	2°	2°
	grau de determinação do suj.	4°	não selecionado	3°
	tempo e modo verbal	5°	não selecionado	não selecionado
sociais	escolaridade	3°	1°	não selecionado
	faixa etária	2°	3°	5°
	gênero	6°	5°	não selecionado

Ao observarmos a ordem de seleção é possível, de antemão, afirmar que os fenômenos variáveis, apesar de se relacionarem todos à 1PP do discurso, são influenciados por fatores sociais e linguísticos diferentes, salvo exceção do grupo de fatores *saliência fônica verbal*, que demonstrou igual influência nos três fenômenos variáveis, classificado como primeiro ou segundo fator mais relevante.

Para a alternância pronominal e para a CV com o pronome *nós*, é possível se notar que tanto os fatores sociais quanto os linguísticos exercem influência na seleção de uma ou outra forma pronominal.

Em relação ao fenômeno variável de CV com *a gente*, os resultados apontam maior influência dos fatores linguísticos do que dos fatores extralinguísticos.

Segue a discussão de cada um dos fatores considerados para os fenômenos variáveis investigados.

Saliência fônica

Os resultados demonstram que os níveis de saliência média e máxima exercem influência positiva na utilização da forma pronominal *nós* (pesos relativos (doravante, PR) de 0,642 e 0,669, respectivamente), enquanto o nível de saliência mínima demonstrou influência positiva no uso do pronome *a gente* (PR de 0,647).

Tabela 4: Frequência dos três fenômenos em relação à *saliência fônica*

Fenômeno	<i>Nós</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>Nós + 1PP</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> peso relativo % (nº de oc./total)
Sal. fônica				
Esdrúxula (proparoxítonas)	0,497 24 (105/438)	0,503 76 (333/438)	0,096 59,1 (68/115)	0,924 99,7 (358/359)
Mínima	0,353 12,1 (109/900)	0,647 87,9 (791/900)	0,271 76 (76/112)	0,522 97,1 (883/909)
Média	0,642 38,9 (309/795)	0,358 61,1 (486/795)	0,680 86,9 (357/411)	0,200 88,2 (518/587)
Máxima	0,669 41 (50/122)	0,331 59 (72/122)	0,689 90,9 (50/55)	0,135 81,8 (72/88)

Ainda que não haja forte preferência pelo uso de uma ou outra forma pronominal no contexto *saliência esdrúxula*, é possível verificar que tanto com o pronome *nós* quanto com o pronome *a gente*, o falante tende a evitar a forma de 1PP (v. RODRIGUES, 1987, dentre outros), haja vista haver baixa frequência de uso de 1PP junto de *nós* (PR de 0,096 e percentual de 59,1%) e altíssima frequência de uso de 3PS junto de *a gente* (PR de 0,924 e percentual de 99,7%).

Os resultados revelam também que os contextos *saliência média* e *máxima* contribuem para o uso de 1PP junto de *nós* e os contextos *saliência mínima* e *esdrúxula*, para o uso de 3PS com *a gente*, conforme hipóteses aventadas anteriormente.

Faixa etária

O fator *faixa etária* tem sido considerado na maioria dos trabalhos sociolinguísticos, com base na hipótese de que diferentes comportamentos atrelados a diferentes faixas etárias sugerem mudança em relação a implementação ou manutenção de uma das variantes no processo de variação.

Tabela 5: Frequência dos três fenômenos em relação à *faixa etária*

Fenômeno	<i>Nós</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>Nós + 1PP</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> peso relativo % (nº de oc./total)
Faixa etária				
7 a 15 anos	0,593 26 (98/377)	0,407 74 (279/377)	0,143 51,2 (62/121)	0,721 96 (334/348)
16 a 25 anos	0,282 12,4 (56/452)	0,718 87,6 (396/452)	0,516 84 (63/75)	0,608 95,6 (435/455)
26 a 35 anos	0,443 22,3 (102/458)	0,557 77,7 (356/458)	0,299 78 (92/118)	0,303 90 (368/409)
36 a 55 anos	0,682 39,6 (210/530)	0,318 60,4 (320/530)	0,767 91,1 (235/258)	0,385 94,3 (347/368)
+ de 55 anos	0,490 24,4 (107/438)	0,510 75,6 (331/438)	0,573 81,8 (99/121)	0,489 95,2 (347/363)

Os resultados para as faixas etárias intermediárias em relação à alternância pronominal vão ao encontro das expectativas para fenômenos linguísticos variáveis do português brasileiro, pois, partindo da faixa com informantes de 36 a 55 anos até a faixa com informantes de 16 a 25 anos, há aumento gradativo do uso da forma inovadora *a gente*

(PR de, 0,318,0,557 e 0,718) e, conseqüentemente, diminuição gradativa do uso da forma conservadora *nós* (PR de 0,282, 0,443 e 0,682, respectivamente).

A observação das faixas etárias das extremidades, em relação ao uso alternante dos pronomes, contudo, surpreende, já que há tendência ao uso da forma conservadora *nós* por informantes de 7 a 15 anos (PR de 0,593) e leve tendência ao uso da forma inovadora *a gente* pela faixa de maior idade (mais de 55 anos) (PR de 0,510). A consideração dos resultados relativos à CV elucida a possível semelhança entre as faixas etárias extremas. Na aplicação de CV junto de *nós*, é possível verificar comportamento discrepante, já que há forte tendência à não aplicação de 1PP por parte da faixa etária mais jovem (PR de 0,143) e tendência à aplicação da forma de 1PP pelas faixas de 36 a 55 anos e mais de 55 anos (PR de 0,767 e 0,573, respectivamente).

O comportamento também permanece dissemelhante em relação à CV com o pronome *a gente*, pois, na faixa de 7 a 15 anos, o PR para uso de 3PS é de 0,721, enquanto na faixa de mais de 55 anos, o PR é de 0,489. Em observação horizontal da faixa com informantes mais jovens é possível detectar a tendência ao uso das formas de 3PS em detrimento das formas de 1PP, com *nós* e *a gente*.

Escolaridade

Apresenta-se abaixo a tabela com os resultados relativos ao grupo de fatores escolaridade para os fenômenos investigados.

Tabela 6: Frequência dos fenômenos em relação à escolaridade

Fenômeno	<i>Nós</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>Nós + 1PP</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> % (nº de oc./total)
1º ciclo Ens. Fundamental	0,561 32,9 (148/450)	0,439 67,1 (302/450)	0,161 69,4 (129/186)	não selecionado 94,6 (333/352)
2º ciclo Ens. Fundamental	0,464 21,8 (126/577)	0,536 78,2 (451/577)	0,245 57,4 (89/155)	não selecionado 92,5 (491/531)
Ensino Médio	0,380 17,2 (114/663)	0,620 82,8 (549/663)	0,685 92,8 (128/138)	não selecionado 95,3 (603/633)
Ensino Superior	0,628 32,7 (185/565)	0,372 67,3 (380/565)	0,852 95,8 (205/214)	não selecionado 94,6 (404/427)

A hipótese para o fator social *escolaridade*, amplamente discutida em trabalhos sociolinguísticos, era de que falantes com níveis mais elevados de escolaridade tendessem ao uso de formas consideradas padrão na comunidade.

Os resultados para a alternância pronominal surpreendem, já que o comportamento verificado para o nível de escolaridade mínimo (1º ciclo do Ensino Fundamental) e para o nível de escolaridade máximo (Ensino Superior) da amostra, muito se assemelha, com PR de 0,561 e 0,628, respectivamente, para o uso da forma padrão e conservadora *nós*.

Destacamos, novamente, a importância da consideração dos fenômenos de variação na CV para a explicação do que seria um resultado desconcertante. Se o comportamento se assemelha, no que concerne ao uso da forma pronominal *nós*, o mesmo não se verifica em relação à CV junto desse pronome. Na observação dos resultados, há notória polarização, com informantes de menor escolaridade (1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental) tendendo

a evitar o uso de formas verbais de 1PP (PR de 0,161 e 0,245) e com informantes de maior escolaridade (Ensino Médio e Superior) tendendo ao uso de formas de 1PP (PR de 0,685 e 0,852).

Paralelismo discursivo

A hipótese para o fator linguístico *paralelismo formal de nível discursivo* era de que marcas verbais de plural em orações anteriores tendessem a influenciar o uso de marcas em orações posteriores. Apresentamos os resultados evidenciados para o grupo.

Tabela 7: Frequência dos três fenômenos em relação ao paralelismo discursivo

Fenômeno	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós + 1PP</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> peso relativo % (nº de oc./total)
Paral. Discursivo				
v. isolado ou 1º de uma série	não considerado	não considerado	0,437 77,3 (445/576)	0,651 99,1 (1668/1683)
v. anterior em 1PP	não considerado	não considerado	0,816 96,1 (98/102)	0,001 3,7 (1/27)
v. anterior em 3PS	não considerado	não considerado	0,400 53,3 (8/15)	0,024 69,5 (162/233)

Os resultados exibidos na tabela para a CV confirmam totalmente a expectativa de que verbos anteriores com marcas de 1PP influenciam positivamente o uso de marcas de 1PP em verbos posteriores (PR de 0,816). Por outro lado, o verbo anterior em 3PS influencia o uso de 3PS no verbo que segue (PR de 0,400).

Para a CV com *a gente*, a hipótese do paralelismo formal não se confirma, já que tanto a presença de verbos em 1PP quanto em 3PS em orações anteriores exercem influência negativa no uso de 3PS no verbo que segue (PR de 0,001 e 0,024).

A explicação reside no fato de que a forma verbal de 3PS, considerada não marcada, além de ser empregada junto da forma *a gente*, pode também ser utilizada junto de formas da segunda e terceira pessoas do discurso no singular (*você e ele/ela*), o que a torna ambígua em contextos de sujeito oculto ou desinencial, como os observados nas duas categorias que apresentaram forte tendência ao uso das formas de 1PP.

É possível notar, ainda, que, para os casos em que o sujeito se explicita na mesma oração do verbo (*verbo isolado ou primeiro de uma série*), há forte tendência de ocorrência de verbos em 3PS (PR de 0,651 e 99,1%).

Grau de determinação do sujeito

A hipótese para o grupo de fatores *grau de determinação do sujeito* era de que a forma pronominal *a gente* fosse empregada em contextos com sujeitos genéricos e indeterminados, em contrapartida, o pronome *nós* seria utilizado com maior frequência em contextos de sujeitos específicos e determinados. A seguir, os resultados apresentados.

Tabela 8: Frequência dos três fenômenos em relação ao grau de determinação do sujeito

Fenômeno Grau de det.do suj.	<i>Nós</i> peso relativo % (n° de oc./total)	<i>A gente</i> peso relativo % (n° de oc./total)	<i>Nós + 1PP</i> % (n° de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> peso relativo % (n° de oc./total)
Genérico e indefinido	0,396 12,7 (27/213)	0,604 87,3 (186/213)	não selecionado 85,7 (24/28)	0,830 99,1 (577/582)
Genérico e definido	0,443 23 (168/732)	0,557 77 (564/732)	não selecionado 81,6 (199/244)	0,445 97,5 (193/198)
Específico e definido	0,511 28,9 (378/1310)	0,489 71,1(932/1310)	não selecionado 74,1 (346/467)	0,320 91,2 (1061/1163)

Em relação ao emprego das formas pronominais, a expectativa foi totalmente concretizada, visto haver maior propensão de uso da forma conservadora *nós* com sujeitos específicos e definidos (PR de 0,511). Para sujeitos com referente mais genérico, tanto definidos quanto indefinidos, a tendência é de maior uso do pronome sujeito *a gente* (PR de 0,557 e 0,604).

A observação dos resultados para a CV junto do pronome *a gente* revela que diferentes graus de determinação e definitude do sujeito também influenciam a frequência de uso das formas de 3PS, pois sujeitos com referente genérico e indefinido exibem maior frequência de desinências de 3PS (PR de 0,830), ao passo que sujeitos específicos e definidos têm propensão a receberem marcas de 1PP (PR de 0,320).

Para a CV com o pronome *nós*, não houve a seleção do grupo de fatores *grau de determinação do sujeito*.

Tipo de sujeito

Apresentamos, em seguida, a frequência dos fenômenos variáveis considerados em relação ao grupo de fatores *tipo de sujeito*.

Tabela 9: Frequência dos fenômenos em relação ao tipo de sujeito

Fenômeno Tipo de suj.	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós + 1PP</i> peso relativo % (n° de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> peso relativo % (n° de oc./total)
explícito	não considerado	não considerado	0,453 77,1 (442/573)	0,752 99,1 (1667/1682)
oculto ou desinencial	não considerado	não considerado	0,710 90,8 (109/120)	0,017 62,8 (164/261)

Confirmam-se as hipóteses supracitadas, visto que, para a CV com a forma pronominal *nós*, contextos com sujeito oculto ou desinencial se mostraram favoráveis ao uso da desinência de 1PP (PR de 0,710), devido ao fato de o verbo se constituir no único elemento indicador da pessoa do discurso. Para os casos de sujeito explícito, além das marcas no verbo, há ainda a presença formal do pronome pessoal *nós*, motivo pelo qual há diminuição na frequência de uso de desinência verbal de 1PP (PR de 0,453).

Em relação à CV com o pronome *a gente*, os resultados confirmam maior tendência ao uso de 3PS para sujeitos explícitos (PR de 0,752) e forte tendência de uso de desinência de 1PP com sujeitos ocultos ou desinenciais (PR de 0,017).

Se para a CV junto do pronome *nós*, a desinência de 1PP evita a ambiguidade em relação à referência de pessoa do discurso, para a CV com *a gente*, a forma verbal de 3PS sem a presença formal do pronome leva a ambiguidade de referente (por ser utilizada com pronomes de 2PS, 3PS ou 1PP do discurso), o que justifica o uso da desinência verbal 1PP, empregada exclusivamente com pronomes de 1PP do discurso.

A presença do pronome *a gente* desfaz a ambiguidade, o que justifica, nesse contexto, o emprego quase categórico de 3PS.

Gênero

Com base numa ampla gama de trabalhos sociolinguísticos que investigou a influência do fator *gênero* sobre fenômenos variáveis do PB, a hipótese é que mulheres apresentem maior inclinação ao uso de formas inovadoras do que os homens. Ressalva feita aos fenômenos em que a variável inovadora possui maior estigma social do que a variável conservadora, pois, nesses casos, há uma tendência do gênero feminino em evitar a forma estigmatizada. Abaixo os resultados para a variável social *gênero*.

Tabela 10: Frequência dos fenômenos em relação ao gênero

Fenômeno \ Gênero	<i>Nós</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>Nós + 1PP</i> peso relativo % (nº de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> % (nº de oc./total)
Masculino	0,545 28 (269/960)	0,455 72 (691/960)	0,429 72,1 (238/330)	não selecionado 93,8 (751/801)
Feminino	0,467 23,5 (304/1295)	0,533 76,5 (991/1295)	0,564 86,2 (313/363)	não selecionado 94,6 (1080/1142)

Em relação à alternância pronominal, é possível notar maior propensão das mulheres ao uso da forma inovadora *a gente* (PR de 0,533), em oposição aos homens, que tendem mais ao uso da forma conservadora *nós* (PR de 0,545).

Para a CV com o pronome *nós*, observa-se maior frequência de aplicação da desinência de 1PP por parte das mulheres, o que também é explicado pelo estigma elevado em relação à não aplicação das marcas verbais de plural. O grupo de fatores não foi selecionado para a CV com *a gente*.

Tempo e modo verbal

Ao considerarmos os resultados exibidos na tabela abaixo, é possível notar que apenas os fenômenos de alternância pronominal e de CV com o pronome *a gente* mostraram-se suscetíveis à influência do grupo *tempo e modo verbal*.

Tabela 11: Frequência e PR dos três fenômenos em relação ao tempo-modo verbal

Fenômeno Tempo- modo verbal	<i>Nós</i> peso relativo % (n° de oc./total)	<i>A gente</i> peso relativo % (n° de oc./total)	<i>Nós + 1PP</i> % (n° de oc./total)	<i>A gente + 3PS</i> peso relativo % (n° de oc./total)
pres.ind + pres.subj	0,422 16,6 (171/1032)	0,578 83,4 (861/1032)	não selecionado 80,4 (144/179)	0,579 98,3 (967/984)
pret.imp.ind. + pret.imp.subj.	0,502 24,3 (102/419)	0,498 75,4 (317/419)	não selecionado 59,6 (68/114)	0,883 99,7 (344/345)
pret. perf.ind.	0,640 42,5 (288/677)	0,360 57,5 (389/677)	não selecionado 86,9 (338/389)	0,085 81 (402/94)
formas fut. + outros	0,470 19,4 (12/127)	0,530 80,6 (115/127)	não selecionado 66,7 (10/15)	0,788 99,2 (128/129)

Ao compararmos os PR da tabela, é possível se notar que o Pretérito Perfeito favorece o uso de *nós* (0,640), enquanto o Presente tende a favorecer o uso de *a gente* (0,578). Para o Pretérito Imperfeito, os resultados mostram equilíbrio entre o uso de *nós* e *a gente* (0,502 e 0,498, respectivamente). O futuro em conjunto com outros tempos e modos favorece o uso do pronome *a gente*.

A expectativa de que formas de Pretérito apresentariam maior frequência de aplicação de 1PP foi confirmada apenas para ocorrências com sujeito *a gente* no Pretérito Perfeito, já que essa categoria apresentou menor percentual e PR em relação à aplicação de desinência de 3PS (81% e 0,085). Verbos no Presente influenciam negativamente a aplicação de 1PP, pois apresentaram alta frequência de aplicação de desinência de 3PS (98,3 % e 0,579 de PR).

Os resultados para Pretérito Imperfeito são justificados pela consideração de que essas ocorrências se tratam, em sua totalidade, de casos de *saliência esdrúxula*, em que a forma de 1PP é proparoxítone, contextos em que os falantes tendem a evitar o uso da forma, seja o sujeito *nós*, seja *a gente*.

Conclusão

A consideração dos fatores linguísticos e sociais para os fenômenos em conjunto proporcionou uma visão mais ampla da manifestação da primeira pessoa do discurso no plural, o que seria inviável com o tratamento dos fenômenos separadamente.

A influência determinante dos fatores sociais *escolaridade*, *idade* e *gênero* sobre a CV com *nós* leva à conclusão de que algumas faixas sociais têm maior consciência do fenômeno do que outras. Em relação à CV com *a gente*, a seleção apenas da variável *idade* evidencia que o falante é menos consciente do fenômeno, tendo esse maior influência dos fatores linguísticos. Em relação à alternância pronominal, verificamos a influência conjunta de fatores sociais (*escolaridade*, *idade* e *gênero*) e linguísticos (*saliência fônica*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal*).

A conclusão do trabalho se dá na expectativa de que os resultados e as discussões aqui apresentadas contribuam para maior entendimento dos fenômenos variáveis da comunidade de fala do noroeste paulista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, R. M. Variações linguísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolinguística. *Ilha do Desterro*, [s.l.] v. 20, p. 59-81, 1988.
- BARROS, J. *Grammatica da lingua portuguesa*. Lisboa: Olyssipone, 1540. Disponível em: <http://purl.pt/12148>. Acesso em: 22 mar. 2010.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.
- BORTONI-RICARDO, S.M. *The urbanization of rural dialect speakers—a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: University Press, 1985.
- CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. *Alfa*, São Paulo, v. 37, p. 101-116, 1993.
- COELHO, R. *É nós na fita!* Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- COSTA, J.; MOURA, D.; PEREIRA, S. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2001, p. 639-656.
- FERNANDES, E.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós* e *a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. *Atas do I Simpósio sobre a diversidade linguística no Brasil*, Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986, p. 175-183.
- FURTADO, I. *A variação no uso de a gente e nós*. [s.d.] Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/IsmeriaFurtado.pdf. Acesso em: 19 mai. 2010.
- GONÇALVES, S.C.L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. 2007. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 20 mai. 2010.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania P., 1972.
- LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do Português*. Rio de Janeiro: Mobral/Fundação Ford, 1977.
- LOPES, C.R.S. *Nós e a gente* no português falado culto do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v. 14, n. 2, 1998, p. 405-422.
- _____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. 181f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J.A.A. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.) *O português afro-brasileiro*. EDUFBA: Salvador, 2009. p. 331-371.

- MACHADO, M. S. *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”*: variação em dialetos populares do norte fluminense. 1995. 135 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- OMENA, N. P. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. In: NARO, A. J. et al. *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986. p. 286-319.
- PEREIRA, S.M.B. *Gramática Comparada de a gente*: variação no Português Europeu. 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa.
- RODRIGUES, A.C.S. *A Concordância Verbal no Português Popular em São Paulo*. 1987. 189 f. Tese (Doutorado de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo: EDUC, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.
- TEYSSIER, P. *Manual de Língua Portuguesa (Portugal-Brasil)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.
- VIANNA, J.B.S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. 2006. 109f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of *a gente* as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 13-46, 2004.
- _____; MAYA, L.; SILVA, K. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, v.14, n. 28/29, p. 195-219, 2000.